



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – ICED
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

FLÁVIA LUZIA DE LIMA OLIVEIRA

A VIVÊNCIA DA BNCC POR LICENCIANDOS ESTAGIÁRIOS

SANTARÉM - PA

2023

FLÁVIA LUZIA DE LIMA OLIVEIRA

A VIVÊNCIA DA BNCC POR LICENCIANDOS ESTAGIÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao corpo docente do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Instituto de Ciências da Educação-ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, para a obtenção do título de licenciado em geografia.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Alice Ferreira Rodrigues Dias.

SANTARÉM – PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- O48v Oliveira, Flávia Luzia de Lima
 A vivência da BNCC por licenciandos estagiários./ Flávia Luzia de Lima Olivei-
 ra. – Santarém, 2023.
 25 p.: il.
 Inclui bibliografias.
- Orientadora: Alice Ferreira Rodrigues Dias.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
 Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Ciências Humanas, Licenciatura
 em Geografia.
1. Interdisciplinaridade. 2. BNCC. 3. Licenciandos estagiários. I. Dias, Alice Fer-
 reira Rodrigues, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 370.10981

FLÁVIA LUZIA DE LIMA OLIVEIRA

A VIVÊNCIA DA BNCC POR LICENCIANDOS ESTAGIÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao corpo docente do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Instituto de Ciências da Educação-ICED, da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA, para a obtenção do título de licenciado em geografia.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Alice Ferreira Rodrigues Dias.

Conceito: 8.7

Data de aprovação: 04 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Alice Ferreira Rodrigues Dias (Orientadora)

Prof. Dr.^a. Maria Betânia Cardoso

Prof.^a. Dr.^a Mizant Couto de Andrade Santana

DEDICATÓRIA

Dedico a minha amada filha, Musa Sofia que é minha fonte de espição diária. Ao meu esposo Iago Matheus e ao meu cachorro que amo com todo carinho John Snow.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que nos deu o dom da vida e sem eles não estaríamos aqui.

A minha filha Musa Sofia que é o amor da minha vida e tudo que faço penso nela.

Ao meu esposo Iago Matheus que sempre acreditou em todo meu potencial e nunca largou minha mão.

Ao meu cachorro John Snow que sempre esteve presente em minha vida e me fez companhia durante a elaboração de muitas páginas desse trabalho.

Aos meus pais que sempre me apoiaram e me deram tudo que sempre esteve ao seu alcance.

E aos meus familiares que de alguma forma tiveram participação na minha vida acadêmica.

Agradeço também a professora Maria Betânia e Mizant Santana por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

Por fim, a minha orientadora Alice Ferreira por me ajudar e não medir esforços. Gratidão!

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.
(Paulo Freire).

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática da interdisciplinaridade e da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), com foco na vivência e experiências de alunos licenciandos estagiários próximos a formação, trazendo nossas experiências e relatos aos quais tivemos contato durante nossa graduação para discutirmos tais temas. A escolha do presente tema se faz por compreendermos que o uso da interdisciplinaridade em sala de aula é importante para vida profissional e pessoal dos alunos. Sendo assim, vamos apresentar relatos e experiências pessoais sobre o uso da BNCC e consequentemente a interdisciplinaridade no âmbito escolar. O objetivo desse projeto é compreender como a BNCC está sendo aplicada e a opinião dos estagiários sobre esse documento. Para a coleta de dados foi utilizado: Computador, gravador de voz, câmera fotográfica e questões formuladas sobre diferentes perguntas acerca do documento. Essa coleta se deu de forma simples e aberta na Universidade Federal do Oeste do Pará em uma roda de conversa com alunos licenciandos onde trouxeram seus relatos e experiências no meio docente.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. BNCC. Licenciandos Estagiários.

ABSTRACT

The present work addresses the theme of interdisciplinarity and the BNCC (Base Nacional Comum Curricular), focusing on the experience of graduate students who are trainees close to training, bringing our experiences and reports to which we had contacts during our graduation to discuss such theme. The choice of this theme is made because we understand that the use of interdisciplinarity in the classroom is important for the professional and personal life of students. Therefore, we will present reports and personal experiences about the use of the BNCC and, consequently, interdisciplinarity in the school environment. The objective of this project is to understand the use of the BNCC, how it is applied and the opinion of the interns about this document. For data collection it was used: Computer, voice recorder, camera and questions asked about different questions about the document. This collection took place in a simple and open way at the Federal University of Western Pará in a conversation with licensed students where they brought their reports and experiences in the teaching environment.

Keywords: Interdisciplinarity. BNCC. Graduate Trainees

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

UFOPA- Universidade Federal do Oeste do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1-TEORIA DO MÉTODO DA PESQUISA QUALITATIVA.....	11
1.1- Método da Pesquisa.....	12
1.2- Método da Autoetnografia.....	14
CAPÍTULO II-INTERDISCIPLINARIDADE.....	15
CAPÍTULO III-LEIS E NORMATIVA.....	17
CAPÍTULO IV- EXPERIÊNCIAS DOS LICENCIANDOS.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
APÊNDICE.....	25
ANEXOS.....	26

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz em pauta questões relacionadas a vivência da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) por licenciandos estagiários do curso de geografia da universidade. Usaremos o método da autoetnografia e faremos uma conversa de forma simples e aberta com alunos licenciados da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

O primeiro capítulo do trabalho apresentado trata sobre a teoria do método da pesquisa qualitativa, onde é apresentado e discutido como é feito o trabalho de campo, a diferença entre observação participativa e a participação observante durante a pesquisa e como escapar das armadilhas do método. Utilizando um referencial bibliográfico de três antropólogas, sendo elas: Ruth Cardoso, Alba Zaluar e Eunice Durham. O primeiro subcapítulo trata do método utilizado para a elaboração da pesquisa. O segundo subcapítulo trará uma abordagem sobre a autoetnografia, que tem como base o olhar do pesquisador apresentando o grupo ao qual ele faz parte ou participa.

O segundo capítulo fala sobre a interdisciplinaridade e os benefícios que os alunos e professores adquirem ao fazer uso de tal prática, bem como ela ajuda na resolução de problemas complexos que contribuem para a formação pessoal e profissional do aluno.

O terceiro capítulo aborda as leis normativas apresentadas no âmbito escolar. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), os PCN (Parâmetros comuns curriculares), LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e a lei Nº13.415, de 16 de fevereiro de 2017.

O quarto capítulo é regido pelos resultados da presente pesquisa, onde trará as abordagens do grupo ao qual o pesquisador participa ou faz parte, regido de referências e falas dos licenciandos referentes às suas vivências em sala de aula como futuros formandos. Será usado o anonimato durante as citações. Por fim, temos as considerações finais, onde faremos o desfecho da presente pesquisa.

1- TEORIA DO MÉTODO DA PESQUISA QUALITATIVA

Com base nas etapas da construção do trabalho científico das áreas de ciências humanas e sociais, iniciaremos um debate pautado no uso do método qualitativo. Sabemos que o trabalho de campo é de fundamental importância para a compreensão de determinados processos. Partindo disso, o uso do método qualitativo mostra-se muito presente nesses trabalhos, visto que as ciências humanas, onde está incluída a geografia, cada vez mais se aprofunda em temas que precisam ser analisados detalhadamente para que se tenha um resultado satisfatório. Diante disso, entraremos em uma discussão de como fazer um trabalho de campo sem cair nas armadilhas dos métodos.

Buscamos no presente trabalho algumas referências na Antropologia por essa apresentar mais reflexões acerca da teoria do método que a geografia. Compreender tal método é importante para que o pesquisador não se limite apenas a descrição dos fenômenos, mas também como estes são produzidos. Os trabalhos de cunho apenas descritivo não contribuem para a produção do conhecimento, uma vez que neles não se busca fazer reflexões profundas sobre a realidade social estudada. Logo, essas pesquisas descritivas não apresentam resultados satisfatórios que venham contribuir com as produções científicas, pois fazer descrição não é fazer pesquisa.

O método precisa estar alinhado com a teoria visto que para fazer pesquisa precisamos ter uma base teórica. Entretanto, a teoria deve ser testada na prática, na pesquisa empírica, pois somente assim é possível compreender se esta será confirmada diante da realidade estudada ou negada, ou ainda confirmada apenas parte dela. O trabalho de campo é o momento de confronto da base teórica com o real.

A interpretação que se constrói sobre a análises qualitativas não está isolada das condições em que o entrevistador e o entrevistado se encontram. A coleta de material não é apenas um movimento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipóteses, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. (CARDOSO, 1986, p.101).

Durham (1986) ao fazer uma reflexão sobre a observação participativa e participação observante, frisa que em ambas o pesquisador precisa de cautela para não fazer o uso das mesmas de forma indevida. Logo, é importante entender de que maneiras são feitas as pesquisas que utilizam essas técnicas de coleta de dados. A observação participativa, ocorre de forma mais objetiva, onde o pesquisador exerce o papel mais de observar do que participar das

questões que envolvem os autores pesquisados, baseando-se principalmente na ideia de neutralidade científica. Enquanto a participação observante, acontece de maneira subjetiva, com engajamento e interação do observador com o grupo pesquisado, o que não impede de exercer papel de militância da causa estudada, o problema está quando este confunde militância com pesquisa científica.

O papel da militância na causa estudada aparece muitas vezes como positiva, pois o trabalho do pesquisador pode vir a contribuir com o grupo estudado, mas esse trabalho precisa ter um compromisso com a ciência. Nesse contexto, a neutralidade do pesquisador de certo modo é negada, visto que a trajetória sócio-política do pesquisador não pode ser totalmente anulada e a realidade do grupo e os seus costumes e anseios muitas vezes interfere durante a pesquisa, sendo assim, nem sempre os caminhos são totalmente neutros. Porém, os resultados das pesquisas em si, precisam de alguma forma se aproximar da objetividade. Cardosos (1986) destaca:

Negamos a neutralidade do pesquisador, apoiamos com entusiasmo seu compromisso com o grupo estudado, mas continuamos a conceber “os dados” como formas objetivas com existência própria e independente dos autores. (CARDOSO, 1986: 99)

Ressaltamos que conhecer o grupo é diferente de ser porta-voz, visto que o pesquisador muitas vezes é visto pelo grupo como seu representante em determinadas situações. Esse posicionamento pode atrapalhar a pesquisa na medida que é fundamental a observação participante ter o “estranhamento como forma de compreender o outro” (CARDOSO, 1986:100).

Alba Zaluar (1986) chama a atenção para a importância da dialética distanciamento-aproximação do pesquisador. A aproximação deve ocorrer para conseguir engajamento nas questões que envolvem o grupo pesquisado. O distanciamento, por sua vez, é necessário para que o pesquisador consiga separar o que é pesquisa e o que militância. Sendo assim, esse estranhamento é importante para entender o lugar do outro, o que não é uma tarefa fácil, visto que os simples motivos de nos tornarmos estranhos de nós mesmos é uma atividade que precisa ser trabalhada constantemente para podermos conhecer e compreender o grupo estudado.

1.1. MÉTODO DE PESQUISA

Segundo Lakatos e Marconi “a pesquisa tem importância fundamental no campo das Ciências Sociais, principalmente na obtenção de soluções para problemas coletivos” (2021,

p.14). Nesse sentido, este trabalho apresenta uma pesquisa sobre a vivência da BNCC por licenciados estagiários, trazendo em pauta as impressões gerais dos alunos de licenciatura acerca da implantação da BNCC no âmbito escola.

A partir disso, foi desenvolvido uma pesquisa bibliográfica acerca da interdisciplinaridade e de leis como: BNCC, LDB, PCN, dentre outros, para compreender melhor o presente tema. Segundo Gil “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (2008, p.50). O trabalho apresenta uma abordagem qualitativa

A pesquisa qualitativa enfatiza as qualidades de entidades e de processos que não são apresentadas em termos de quantidade, intensidade ou frequência. Ela enfatiza a natureza socialmente construída da realidade, o relacionamento íntimo entre o pesquisador e o que é estudado, além das restrições situacionais que moldam a investigação. (GIL, 2021, p.14).

No entanto, foi realizado uma conversa/entrevista com 10 alunos licenciados, futuros professores que já tiveram ou tem uma experiência com a rede escolar. A conversa em grupo ocorreu na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p 108)

Usamos também a autoetnografia, onde o pesquisador analisa questões junto com o grupo ao qual ele está inserido. Segundo Calva (2019, p.18) “La autoetnografía es un acercamiento a la investigación y la escritura que busca describir y analizar sistemáticamente (grafia) experiencias personales (auto) para entender la experiencia cultural (etno).” Foi feita de forma simples para que cada licenciado estagiário contasse seu relato, sua experiência e suas impressões sobre a aplicação da BNCC e a forma interdisciplinar usada em sala de aula.

Com isso, a conversa ocorreu de forma aberta para que os alunos licenciados ficassem à vontade para responder as questões de maneira livre, da forma que eles achassem conveniente. “Nas questões abertas solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas. Este tipo de questão possibilita ampla liberdade de resposta” (GIL, 2008, p.134). Com os dados adquiridos durante esses relatos, partiremos para resultado da pesquisa.

1.2 MÉTODO DA AUTOETNOGRAFIA

Como exposto anteriormente, a presente pesquisa vai usar o método da autoetnografia e da observação participativa. Sendo assim, passaremos a explicar no que consiste o método autoetnográfico. A autoetnografia tenta valorizar a visão, percepção e experiências do sujeito “eu” usando a descrição, relatos e entre outras questões do grupo ao qual se pertence ou participa.

“Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p.218)

Usaremos o método autoetnográfico em busca de relatar experiências e relatos pessoais, a fim de compreender também as ideias do grupo pertencente, sendo assim também é utilizada a etnografia, que estuda os povos ou grupos com suas individualidades e características próprias, sociais e culturais, para assim elaborar uma autoetnografia.

Etnografia - Grafia vem do grego graf(o) significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um etn(o) ou uma sociedade em particular. Antes de investigadores iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade ele escrevia todos os tipos de informações sobre os outros povos por eles desconhecidos. Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo. (MATTOS, 2011, p. 53)

As Ciências Humanas buscam elaborar seus resultados com base na impessoalidade, porém a autoetnografia busca trazer as experiências pessoais, relatos e outros, o que de certa forma incentiva novas abordagens e métodos para elaborações de pesquisas. É importante também frisarmos que a autoetnografia tenta fazer com que o pesquisador se sinta livre para elaborar seus relatos pessoais quebrando um pouco do tradicionalismo das pesquisas correntes

2-INTERDISCIPLINARIDADE

Na atualidade questões sobre a interdisciplinaridade surgem diariamente. Mas afinal o que entendemos sobre a interdisciplinaridade? Diversos estudiosos e pesquisadores comentam sobre o ensino interdisciplinar, porém nem sempre explicam com clareza sobre essa questão, o que faz com que algumas pessoas tenham receios quando escutam tal termo.

Etimologicamente, interdisciplinaridade significa, em sentido geral, relação entre as disciplinas. Ainda que o termo interdisciplinaridade seja mais usado para indicar relação entre disciplinas, hoje alguns autores distinguem de outros similares, tais como a pluridisciplinaridade e a transdisciplinaridade, que também podem ser entendidas como forma de relações disciplinares em diversos níveis. (YARED, 2008, p.161).

No Brasil a interdisciplinaridade vem sendo discutida durante muito tempo e está pautada na Lei de Diretrizes e Bases Nº 5.692/71. Após esse avanço no âmbito educacional e depois da chegada da nova Lei Nº 9.394/96 a interdisciplinaridade foi cada vez mais ganhando espaço no campo educacional, principalmente no ensino superior, onde era muito debatida inicialmente.

No Brasil, Fazenda (1994) descreve os anos 1990 como a representação do ponto mais alto da contradição nos estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade, por ela desenvolvidos. Como contradição maior, ela situa o aumento de práticas intuitivas, pelo fato de os professores perceberem a interdisciplinaridade como exigência da proposta atual de conhecimento e educação. (GUIMARAES, 2008, p.128 apud FAZENDA, 1994).

A interdisciplinaridade tem como conceito inicial a busca pela relação entre diferentes disciplinas, a fim de desenvolver uma transformação no processo de ensino-aprendizagem e quebrar o tradicionalismo imposto pelas disciplinas estudadas isoladamente durante muitos anos. Observamos que apesar dos avanços alcançados no âmbito escolar e social, introduzir a interdisciplinaridade na sala de aula ainda causa receio tanto para alguns alunos quanto para professores que estão enraizados no ensino tradicional, não levando em consideração que a mudança e a interação das disciplinas influenciam na construção do aprendizado do alunado transformando em cidadãos mais críticos e conscientes.

A interdisciplinaridade é uma exigência na contemporaneidade. Ela se mostra bastante presente na atualidade, buscando resolver problemas e questões cotidianas ou não, estimulando os alunos a buscarem novas descobertas e saberes. Com isso, o aluno e o professor

interdisciplinar estão aptos a conquistar novos caminhos, novos saberes e novas oportunidades (ENCARNACION, 2008, p.135)

A proposta da interdisciplinaridade é o enriquecendo da visão do aluno, e ela o estimula a buscar em diferentes disciplinas e assuntos respostas para suas questões, fazendo-os observar que existem diferentes pontos de vistas e diversas soluções para questões do dia a dia e problemas escolares. Incentivando o aluno, de certa forma conhecer e compreender de uma forma mais simples, soluções e respostas em diferentes áreas do conhecimento.

É importante compreendermos que para realizar uma prática interdisciplinar existem alguns caminhos a seguir, e um deles é o diálogo. Para que isso ocorra, é necessária a mútua colaboração. Diante disso, o professor tem um papel importante nessa tarefa: ele precisa estar sempre incomodando e incentivando os discentes a se mobilizar de maneira a fazer novas reflexões.

A interdisciplinaridade não é um caminho de homogeneidade, mas de heterogeneidade. Por isso, um dos principais pressupostos para se caminhar interdisciplinarmente é o diálogo. Este deve ser reflexivo, crítico, entusiástico, que respeita e transforma. Num trabalho interdisciplinar em equipe é imprescindível que todos estejam abertos ao diálogo em qualquer momento. (ENCARNACION, 2008, p.136).

Praticar a interdisciplinaridade também é uma das chaves para um aprendizado mais significativo, visto que a realidade atual nos coloca em posições que precisamos relacionar diferentes assuntos para compreender o que se procura. Essa relação é vital para formação profissional do aluno. É importante ressaltar que o ensino interdisciplinar também é um aliado do professor na sala de aula, na medida em que o aluno se sente mais motivado, visto que as suas particularidades e aprendizados adquiridos durante sua existência são considerados.

Na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração (FAZENDA, 2008, p.21).

Portanto, o ensino interdisciplinar é importante para a formação pessoal e profissional do aluno, e quando trabalhado de uma forma simples e fácil pelo docente estimula o discente a buscar novas respostas e saberes. O ensino interdisciplinar é uma das exigências da contemporaneidade, visto que estamos cada vez mais em busca de relações e respostas para diferentes perguntas.

3-LEIS E NORMATIVAS

Diante da realidade atual do ensino na Educação Básica brasileira, observamos uma atualização nas leis e garantia dos estudantes em relação a um ensino de qualidade e igualitário para escolas públicas, federais e municipais. Diversas questões vêm sendo debatidas e questionadas todos os dias na esfera escolar, e um dos principais tópicos levantados é sobre uma educação igualitária que proporcione uma aprendizagem mais significativa e de qualidade, que pelos olhos dos profissionais da educação é vista como um empecilho.

A educação de qualidade é um dos importantes processos que colaboram para formação pessoal e profissional de todo cidadão. Ela abrange não apenas a sala de aula, mas o apoio e os ensinamentos que perpassam dentro do convívio familiar e social.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 2005, Art.1º).

Quando falamos sobre o Ensino Básico, levamos em pauta a busca pela qualificação e aperfeiçoamento pessoal e profissional do estudante. E para que isso ocorra com mais facilidade é importante aproximar os conteúdos com a vida cotidiana do aluno. Sendo assim, crianças, jovens e adolescentes são assegurados de uma educação de qualidade por lei, atendimento especializado e qualificado aos estudantes com necessidades especiais, o ensino noturno, por sua vez, deve ser adaptado as necessidades do alunado, de acordo com a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDB). Porém, na prática são deixadas a desejar. Observamos escolas sem recursos, sem materiais adequados, sem o mínimo de estrutura para atender alunos que precisam de mais atenção.

A educação brasileira durante muitos anos passou por diferentes caminhos até chegar no plano atual. Com a chegada dos Jesuítas em 1549, o Padre Manuel da Nóbrega desenvolveu o primeiro plano educacional, o qual consistia em doutrinas religiosas, português, cânticos e etc.

O plano de estudo propriamente dito foi elaborado de forma diversificada, com objetivo de atender à diversidade de interesses e de capacidades. Começando pelo aprendizado do português, incluía o ensino da doutrina cristã, a escola de ler e escrever. Daí em diante, continua em caráter opcional, o ensino de canto orfeônico e de música instrumental [...] (RIBEIRO, 1992, p.23).

Percebemos que no início, os planos educacionais sempre eram formados com intuito de catequisar a população, isso somente mudou quando o estado se tornou laico, porém ainda ocorreram muita revolta e resistência. Com a chegada da família Real houveram mais algumas mudanças em relação a educação do Brasil, sendo elas: a construção da faculdade de medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, além da escola de Belas Artes. Nesse primeiro reinado foram criadas escolas primárias com ensino gratuito, mas as dificuldades eram muitas devido à falta de recursos. Com o surgimento da Escola Nova, os estudantes deveriam ser formados com base em uma educação que os habilitasse para o trabalho.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases) foi criada em 1961, apresentou várias modificações ao longo dos anos e recentemente foi atualizada. Outros documentos comentados atualmente são: BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e a Lei Nº13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que abordam assuntos importantes para auxiliar no apoio escolar e na qualidade do ensino nas redes de educacionais.

A aprendizagem de qualidade é uma meta que o País deve perseguir incansavelmente, e a BNCC é uma peça central nessa direção, em especial para o Ensino Médio no qual os índices de aprendizagem, repetência e abandono são bastante preocupantes. (BRASIL, BNCC, 2018, p.5).

A BNCC foi publicada em 2017 e foi assinada pelo então ministro da Educação, José Mendonça Filho. Porém, ela vem sendo discutida desde muito cedo e está de alguma forma ligada aos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Este último, porém, não tinha caráter obrigatório, mas já apresentava uma preocupação com a educação igualitária e de qualidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (BRASIL, MEC, 1995, p. 13).

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), por sua vez, também afirma sua preocupação com um ensino igualitário para todas as instituições de ensino brasileira, sendo elas públicas ou privadas, porém com caráter obrigatório. A BNCC mostra sempre uma aprendizagem interdisciplinar que é favorável para a formação pessoal e profissional do aluno.

A BNCC é um documento plural, contemporâneo, e estabelece com clareza o conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito. Com ela, redes de ensino e instituições escolares públicas

e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas. (BRASIL, 2018, p. 5).

No entanto, quando se reflete sobre as questões levantadas sobre esse ensino, observamos uma ideia utópica comparado às escolas brasileiras, que muitas vezes apresentam falta de recursos, falta de estrutura nas redes de ensino, falta de materiais didáticos e, por fim, profissionais sem formação continuada, ou seja, professores sem suporte e apoio para sua atualização profissional.

A educação diante da Constituição é dever do Estado e da Família, ou seja, a criança é assegurada por lei a ter uma educação de qualidade. Mas muitas vezes o aluno não tem o apoio dos pais, ou quando frequentam o colégio se deparam com escolas precárias e lotadas de estudantes que dificulta a realização de um trabalho qualificado, a desvalorização do professor quanto ao salário digno e ainda as superlotações de horas aulas do docente, que muitas vezes precisa pegar mais horários em outros turnos para conseguir seu sustento, o que dificulta uma busca por formação continuada, visto que muitas vezes não resta tempo.

É importante também a considerável abordagem e importância que o ensino interdisciplinar vem sendo discutido nas salas de aula. A BNCC, como um documento obrigatório, atualmente traz à tona um dos principais focos que estão sendo discutido por diversos profissionais, sendo eles: a ampliação do tempo de carga horária do aluno.

A carga horária mínima anual de que trata o inciso I do caput deverá ser ampliada de forma progressiva, no ensino médio, para mil e quatrocentas horas, devendo os sistemas de ensino oferecer, no prazo máximo de cinco anos, pelo menos mil horas anuais de carga horária, a partir de 2 de março de 2017. (BRASIL, LEI 13.415 DE FEVEREIRO DE 2017, p.1).

As áreas do conhecimento são divididas em cinco áreas, sendo elas: Linguagem e suas tecnologias (Artes, Língua Inglesa, Língua Portuguesa e Educação Física), matemática e suas tecnologias, Ciências da natureza e suas tecnologias (Biologia, Física e Química), Ciências humanas e social aplicada (Filosofia, Geografia, História e Sociologia) e Formação técnica e profissional. Essa divisão tem intuito de tornar o ensino mais flexível para o estudante e incentivar a interdisciplinaridade, que é importante na formação do aluno em diferentes sentidos, levando a desenvolver criticidade e solucionar seus problemas do dia a dia.

4- EXPERIÊNCIA DOS LICENCIANDOS

De acordo com o exposto anteriormente, o trabalho foi elaborado com intuito de mostrar as experiências dos alunos licenciados, que estão mais próximos da conclusão de seus cursos e tiveram contato com a BNCC e a questão da interdisciplinaridade durante sua formação e experiências em sala de aula como estagiários licenciados, ao qual também faço parte. Aqui será relatado nossas experiências e pensamentos que ocorreram durante nosso período de estágios no âmbito escolar.

O estágio é um dos momentos mais importantes para a formação profissional, é nesse momento que o futuro docente tem a oportunidade de ter o contato com a realidade profissional que, futuramente será inserida no cotidiano da profissão. Lá é o momento em que ele vai pôr em prática todo o conhecimento adquirido no decorrer da graduação. (OLIVEIRA, 2021, p.5)

Sabemos que usar a interdisciplinaridade no âmbito escolar é importante para a formação pessoal e profissional dos alunos. A interdisciplinaridade tem sido discutida constantemente na atualidade por diferentes pesquisadores e estudiosos, porém muitas vezes não é comentada com clareza, o que faz com que algumas pessoas sintam receio ou medo quando se fala em um ambiente escolar interdisciplinar.

A interdisciplinaridade, em uma de suas abordagens, busca relacionar diferentes disciplinas com intuito de promover uma transformação no ensino no sentido de direcioná-lo mais para a resolução de problemas que mera memorização de conteúdo. Porém, realizar tal prática ainda causa receios, medos e outros sentimentos, principalmente pelos docentes, que de alguma forma ainda continuam reproduzindo a prática do conhecimento fragmentado apoiado na grande defesa da disciplinaridade e, assim, acomodam-se em suas respectivas disciplinas. Isso fica evidente na fala dos estagiários.

O que a gente observa é uma formação fragmentada. O professor faz geografia, história, sociologia ou filosofia. E eu vejo que ninguém se preocupa em buscar outras disciplinas de outras áreas. A gente sabe que tem que buscar, mas na prática nós não buscamos. (Estagiário 5).

A falta de relação com outras disciplinas dificulta a implementação da BNCC. Isso se comprova através da experiência dos estágios que participamos durante nossa graduação.

Eu percebi que foi algo que veio assim para escolas sem nenhuma preparação, tanto para gestão quanto para os professores, empurraram. Tá aqui, vocês se viram, vocês vão ter que a partir de agora pegar essas novas disciplinas, que não chamam mais disciplinas, implementar esses projetos. Independente se a escola tem área, salas, laboratórios ou não. (Estagiário 3).

A BNCC levanta questões sobre novo ensino médio, ensino igualitário, modificação da carga horária dos alunos e professores, implementação da interdisciplinaridade e outras questões fundamentais para uma educação básica de qualidade e igualitária. Porém, o que se observa sobre o ensino brasileiro na atualidade é a falta de estrutura nas redes de ensino de educação básica, escassez de materiais didáticos para os alunos, profissionais sem uma educação continuada, dentre outros problemas.

As escolas não são igualitárias, percebe isso principalmente pelo espaço físico, tem escolas que são climatizadas outras já não são, outra tem livros didáticos, já outras também não, tem escolas que tem livros empilhados na biblioteca sobrando e outras já não tem, tem escolas que tem cadeiras bonitinhas pra sentar e outras não. (Estagiário 1)

uma coisa que não entendi lá na escola tem um monte de livro, mas o aluno não pode levar para casa, pega, ler ali naquela hora as vezes sim as vezes não. Como é que ele vai praticar vai poder reler em casa? Aí eles sempre falam: “se rasurar vai ser 35, 40 reais”. Elas dão um valor lá de um livro, aí eles leem na hora e retornam ou eles ficam usando xerox, lá dentro da escola é cinquenta centavos, aí nem todo mundo tem todo dia. (Estagiário 4)

No decorrer da conversa em grupo, nós licenciados estagiários concordamos que alguns ou mesmo vários professores não tiveram contato com o documento da BNCC. Do nosso ponto de vista falta, para melhorar a educação no Brasil, incentivos, tanto financeiro quanto de estrutura para as escolas de ensino básico, materiais didáticos de qualidade e, ainda, uma melhor distribuição de carga horária para o docente realizar sua formação continuada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tentou trazer em pauta a vivência da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) por licenciados estagiários, assim como também abordar a temática da interdisciplinaridade. Com base em relatos e experiências vivenciadas no período de estágio, durante nossos anos de graduação na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Compreendemos que a BNCC e todas as questões interdisciplinar é um importante assunto na atualidade é muito relevante no âmbito educacional. Porém, nem sempre praticado. é de extrema necessidade que os docentes de alguma forma tenham contato com a prática interdisciplinar, visto que o uso dela colabora na formação tanto pessoal quanto profissional do aluno.

Durante nossa roda de conversa relatamos algumas experiências e observamos que a educação brasileira ainda se mostra longe de ser igualitária. Mas que precisa de incentivos financeiro, estrutural, melhoria nos materiais didáticos e outras questões que necessitam serem observadas e modificadas para que se tenha uma educação de qualidade.

Observamos que apesar de estarmos próximo a nossa conclusão do curso de licenciatura ainda não nos sentimos totalmente preparados para enfrentar o novo modelo de ensino. Sendo assim, é evidente a melhoria na formação tanto inicial dos futuros professores, quanto a formação continuada de professores que já saíram da Universidade.

Apesar de ouvirmos falar sobre a BNCC, entendemos que precisa ter um aprofundamento maior para que se compreenda e tente realizar um trabalho na sala de aula mais significativo. Sendo assim, é necessário que se tenha incentivos para melhorar as escolas e estímulos para os professores, com uma educação continuada, ser mais bem pagos e uma sala de aula que tenha ao menos o básico. Somente assim poderemos de alguma forma nos aproximarmos de uma educação igualitária e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 25 mar. 2023.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 25 mar. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 28 de mar. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnaes/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series>. Acesso em: 26 de mar. 2023
- CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de Antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: Cardoso, R (Org) **A aventura antropológica: Teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.
- CALVA, Silva Marcela Bénard. **Autoetnografía: Una Metodología Cualitativa**. México: El Colegio de San Luis, 2019.
- DURHAN, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: Problemas e perspectivas. In: Cardoso, R (Org) **Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.
- ENCARNACION, Dirce T. **A interdisciplinaridade na contemporaneidade — qual o sentido?** IN: Fazenda, I (Org) O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas**. IN: Fazenda, I (Org) O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**/ Antônio Carlos GIL. 6. Ed-São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa** / Antônio Carlos Gil. 1. Ed-Barueri São Paulo: Atlas, 2021.

MARCONI, Maria de Andrade. **Técnicas de Pesquisa** / Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatus; atualização da edição João Bosco Madeiros. -9. Ed- São Paulo: Atlas, 2021.

MATTOS, Carmem Lucia Guimarães. **A abordagem etnográfica na investigação científica.** In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83.

RIBEIRO, Maria Lucia Santos. **História da Educação Brasileira.** 12.ed. São Paulo: Cortez,1992.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafio.** São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP. v.24.1, 2017, p.214-241

YARED, Ivone. **O que é interdisciplinaridade?** IN: Fazenda, I (Org) **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez Editora, 2008.

ZALUAR, Alba. **Teoria e Prática do trabalho de campo: Alguns problemas.** In: Cardoso, R (Org) **A aventura antropológica: Teoria e Pesquisa.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra,1986.

APÊNDICE:

(Roteiro de perguntas)

- 1- Conhece a normativa BNCC?
- 2- Já teve oportunidade de ler a normativa?
- 3- Teve carga horaria para se aprofundar/ conhecer a BNCC?
- 4- Tem ou já teve algum tipo de incentivo financeiro para se aprofundar nessa normativa?
- 5- Qual sua opinião sobre o novo ensino médio?
- 6- Qual sua opinião sobre a proposta do ensino interdisciplinar?
- 7- A BNCC apresenta uma proposta de ensino interdisciplinar. Qual sua experiencia com essa proposta de ensino?
- 8- Na escola que estagia já percebeu alguma mudança na pratica a partir da normativa?
- 9- O que você pensa a respeito da oposição a partir da BNCC, especificamente ao novo ensino médio?
- 10- Você acha o ensino brasileiro igualitário?
- 11- Um dos argumentos da oposição à interdisciplinaridade é a questão financeira as escolas, as quais tem pouco recursos para promover tal ensino-aprendizagem. Na sua opinião é possível um ensino de qualidade sem ou com pouco recursos?

ANEXOS:

(Roda de conversa com os estagiários)

Pesquisadora: "O TCC delas é sobre interdisciplinaridade com foco na proposta da BNCC, que é uma proposta interdisciplinar e vocês estão no momento relativamente próximo delas, vocês estão fazendo estágio, elas terminaram recentemente, inclusive comigo professora de estágio 1 2 e 3, da turma 2018. Elas terminaram recentemente e vocês estão fazendo estágio, estágio obrigatório alguns e o programa de residência pedagógica ao mesmo tempo, que não deixa de ser um estágio.

E aí elas queriam conversar com vocês sobre isso, sobre essa experiência de vocês no estágio, seja no estágio da residência ou no estágio obrigatório; nessa temática da interdisciplinaridade experimentada através da BNCC. A gente já experimentou interdisciplinaridade por exemplo pelos PCNs. Eu quando dava aula no ensino básico eu cheguei a trabalhar com essa noção de grandes áreas nos parâmetros curriculares nacionais, trabalhava por grandes áreas.

Eu queria saber se vocês podem, é coisa rápida, tá, não vai passar meia hora acho que é o suficiente. Se vocês podem cada um falar um pouco sobre isso, esse é um momento preliminar se elas acharem necessário conversar mais, elas podem solicitar conversar com um com outro em particular, se for o caso. Né, agora é mais compartilhar mesmo as experiências de estágio. Eles compartilham entre eles, na 2018, a gente vem compartilhando porque eu fui professora deles, e agora, é, essa minha ligação. Eu não fui professora de vocês de estágio, mas eu sou a orientadora, não de estágio obrigatório, mas de residência pedagógica, não deixa de ser um estágio, e eu não deixo de ser orientadora de estágio. Então eu estou juntando meus alunos de estágio de 2018 e vocês tá!?

E aí eu queria que vocês falassem sobre essa experiência, é, sobre o que vocês estão sentindo acerca da implantação da BNCC, das dificuldades, é, se você se sentem preparados ou não para daqui há muito pouco tempo, isso inclui elas, entrar na sala de aula sobre essa nova proposta, vocês podem pôr em questão se de fato é tão nova assim na medida em que já teve PCN antes, só que não era obrigatório, agora é obrigatório, com a BNCC.

Se não quiser me falar disso, fazer comparação, não precisa.

É uma coisa assim muito tranquila e elas querem saber se pode gravar essa conversa em grupo.

Então a gente a partir de agora não fala mais o nome de ninguém! Porque isso aqui não é um inquérito policial, então não me interessa quem disse o quê a elas também não. Então a gente conversa a respeito do assunto, quando vocês quiserem falar do que vocês estão vivenciando nos estágios, eu peço que não diga os nomes dos professores, mesmo que venham a dizer, elas vão excluir! então mas eu já estou deixando claro quem vocês também não precisam falar. Se falar também não tem problema, porque elas vão excluir, a nós não interessa, não somos policiais, identificar pessoas e sim pensar o fenômeno que é a experiência, a vivência, o dia a dia da BNCC ok. Aí elas têm um roteiro, eu vou fazer algumas interferências e algumas perguntas ou não. E aí a gente pode começar? Quanto mais rápido a gente começar mais rápido a gente termina.

Início:

Pesquisadora: "bom dia gente"

Pesquisadora: "vocês autorizam a gravação?"

Pesquisadora: "Eu posso gravar?"

Estagiários: " por mim tudo bem!"

Pesquisadora: " vocês já conhecem a normativa BNCC? "

Estagiário 1: "não completamente, mas a gente tem um pouco, noção de como ela é, é enorme né? (Sorrisos)

Pesquisadora: " são 600 páginas"

Pesquisadora: vocês já tiveram a oportunidade de ler inteira ou só em partes?

Estagiário 1: "a gente leu partes e teve uma disciplina, política e legislação. Aí a gente leu algumas partes e estudou um pouco sobre as leis

.

Pesquisador: vocês tiveram algum tipo de carga horária extra para ler, ter acesso, esse documento, essa normativa?

Estagiário 2: " não "

Estagiário 1: " ao documento não "

Pesquisador: a BNCC?"

Estagiário1: não

Estagiária 3: não

Pesquisador: vocês já tiveram algum tipo de incentivo financeiro para ler, para ter acesso a essa normativa?

Estagiários 1,2, 3, 4 e 5: não

Pesquisador: vocês só tiveram acesso no caso durante a disciplina?

Estagiários: sim, durante a disciplina

Pesquisador: e qual a opinião de vocês sobre o novo ensino médio que está incluso na bncc? Lembrando que não tem resposta correta, é a opinião de vocês.

Estagiário1: "sim, sim. É, no estágio 2 eu comecei no Felisbelo, e quando eu entrei lá tava no início da implantação esse novo ensino médio, inclusive foi só para turma do primeiro ano que era iniciante. E quem tá no segundo e terceiro continuaria continuaria o ensino médio regular . Eu percebi que foi algo que veio assim para escolas como do nada sem nenhuma preparação assim, tanto para gestão, professores, só empurraram. Tá aqui, vocês se viram, vocês vão ter que a partir de agora pegar essas novas disciplinas, que não chama mais disciplinas, implementar esses projetos independente se a escola tem área, salas, laboratórios ou não. E eu vi isso.

Agora no estágio três, já a professora pediu para a gente estagiar especificamente nas turmas do EJA, aí já no EJA eles, pelo menos na escola em que eu fui, esse novo ensino médio ele tava meio de lado porque nas turmas da tarde de manhã não tava funcionando bem, então

nas turmas do EJA que já tem horário reduzido, já é menos tempo, aí os professores tavam meio que deixando de lado e continuando o no, o velho ensino médio. Então, tipo, na minha opinião faltou ter um preparo tanto pros professores como pra tipo preparar as escolas pra receber essa nova modalidade de ensino, é basicamente isso.

Estagiária 3: "eu também, eu também, é, eu tô com um ... lá na escola em que a gente estagiou também, é, os professores eles não seguem, eles não fazem projeto algum, eles só fazem dar aula, passar exercício pros alunos entendeu? fazem questões dão sugestões. Aí um, às vezes um professor ele nem fica na sala de aula são quatro professores né e esses professores só ficam às vezes um professor na sala de aula, aí eles passam um exercício pros os alunos, só isso que eles fazem, entendeu?"

Não há a construção de um projeto então isso aí no meu pensar foi apenas uuuum, posso dizer, não acontece..."

Estagiária 4: "também, (...) não tenho uma opinião muito formada a respeito, mas eu posso dizer é que realmente falta organização por parte deles principalmente nessa disciplina que ficam 3, 4 professores na mesma sala o que acaba sobrecarregando uma única professora e a gente vê que eles não sentam pra planejar a aula, por exemplo, ontem por exemplo, era para fechar a nota e a nota não estava fechada, nós ficamos com a turma enquanto eles foram fazer a questão de notas. E os alunos, eles perdem muito tempo com isso, e os alunos ficam sem fazer nada, um exercício eles levam 3, 4 aulas, pra, pra fazer. Então Acho que falta realmente planejamento e acredito que se eles tivessem dando aula nas suas respectivas disciplinas era bem mais proveitoso".

Pesquisador: tá, alguém mais?

Estagiária 5: " Assim, esse projeto ele na teoria ele é bom, mas na prática essa interdisciplinaridade não acontece. Sempre fica só um professor na sala, sempre tem um que fica mais sobrecarregando, né. E durante o meu estágio, não, éee, eu estagiei no ensino médio também, lá eles não utilizavam o, esse ensino médio, agora que eu tenho contato que eu fui para residência no (...) com professora e fica só ela e mais uma outra professora, de sociologia?"

Estagiária 4: " filosofia"

Estagiária 5: " então a interdisciplinaridade só é entre essas duas disciplinas, né , porque os outros professores (silêncio)) não vem pra sala.

Pesquisador: " quando eles não vem pra sala, eles tão onde?"

Estagiária 5: "eles tão noutra turma ou outra escola"

Pesquisador:" mas não é o horário deles?

Estagiária 6: " não, porque tem professores que atuam tanto no município quanto no estado.

Estagiário 1: "Aí do muito choque, de horários, é. Esse novo ensino médio por exemplo, a, as áreas das humanas, são 4 disciplinas, nessa, nesse horário, os professores tem que ta os quatros em uma única sala, e, ia faltar professor pras outras salas. Então às vezes esse professor tem aula de projetos que seria o PI, numa turma, só que na outra sala ele já tem aula de LGB, que seria Geografia. Aí vai pra de Geografia e não fica no projeto, no caso. Acontece isso lá no (...)

Pesquisador: “ nesse sentido, você acha que faltou planejamento da gestão? Nessa distribuição de carga horária e alocação dos professores nos locais para desenvolvimento dos projetos"

Estagiário1: sim

Estagiária 3"Às vezes professora também, às vezes o professor sai da sala para resolver problemas pessoais entendeu ah eu vou resolver uma situação quebrou uma peça do meu carro, eu vou resolver, ah professora fica aí, ah fulana tá doente fique na sala eu vou resolver, mais tarde eu volto. É desse jeito.

Estagiário1 "tem uma outra situação também é o livro didático que veio. Veio essa interdisciplinaridade de humanas, tem conteúdos que é da história e o professor de geografia não domina aquele conteúdo da história, assim, e vice-versa, filosofia ou sociologia. então tipoo, falta uma preparação para aquele professor ter aquele conteúdo dominado para poder, aí

fica nessa divisão. Quando é mais da história, professor da história. aí eu acho que Tá meio sem sentido essa, divisão de conteúdos ainda também".

Pesquisador: "então, a gente tem hoje a formação fragmentada, o professor faz geografia ou história ou sociologia ou filosofia para não ter muita Fora o que chamamos de área de humanas, isso significa então que vocês não se sentem preparados pra atuar nesse novo contexto?"

Estagiário1: "No meu caso, não me sinto (...) Observando essa implementação é porque a gente tem uma preparação aqui na universidade, tem uma parte da do ensino que é para professor independente seja geografia ou história mas o nosso foco é Geografia A gente não tem uma preparação de história, filosofia e sociologia, assim, aprofundada aqui. Quando a gente chega lá, eu encontro dificuldades, para da esses projetos integrados aí em outras áreas por isso que eu não me sinto preparado. Eu penso que já se vai ter essa proposta de interdisciplinaridade no ensino médio então a universidade vai ter que se adequar preparar o professor para dar aula no ensino básico".

Pesquisadora: " éee (silêncio), vocês estudam numa universidade que tem curso de antropologia por exemplo, história, que vão se misturar com essa proposta interdisciplinar da BNCC, né, você mesmo disse que tem o conteúdo de história que o professor de geografia não domina e o conteúdo de geografia que o então, vice versa, né , que o outro não domina.

Vocês acham que por conta da BNCC o aluno da Geografia por exemplo vai tender a buscar mais disciplinas como disciplinas eletivas na história? Traçar pra isso, ou ele vai continuar preso na grade de Geografia, que vem acontecendo nos últimos, últimos anos? ou na história, o curso de Geografia como curso independente.

Ces acham que de alguma forma esse *competil* profissional vai provocar vocês alunos futuramente a buscar disciplinas na história?

não necessariamente história antiga ou história medieval mas de repente pelo menos história do Brasil que tem uma conversa mais intensa na geografia que é uma ciência mais do presente do que do passado. Cês acham que vocês vão *entender* ou a maneira como, como as disciplinas são estruturadas inclusive as optativas, isso é impossibilitado.

Porque que todas as optativas que vocês fazem é da Geografia? Essa é minha pergunta. Vocês acham. Isso é ou eu vejo, não sei se é de fato, vocês que vão dizer. Cês acham que os colegas que vocês tão recebendo, vocês veteranos tão recebendo calouros toda hora. Cês acham

que por exemplo a turma 2022, éee, e a turma 2023 vão tender a fazer optativas no curso de história, ou no curso de antropologia? diferente de vocês que priorizaram disciplinas da própria Geografia.

Estagiário1: "Eu acho que se for pensar pra esse novo ensino médio deveria deveria entrarmos nos cursos, principalmente filosóficos históricos social né, deveria mas eu não sei se eles vão optar (.. professora.) eu não consigo pensar ainda assim mas deveriam a gente deveria no caso.

Estagiário2: " é pela questão da necessidade de ter aquela formação além do próprio curso por causa que com o novo ensino médio ele, ele vê o aluno também como atuante como protagonista aí o professor ele vai precisar ter um alicerce de de de conhecimento mais amplo. Por causa se ele ficar numa, na caixinha só do curso dele, não vai, é, vai ficar nessa necessidade como o (...) já falou aí, de adentrar em outras áreas do conhecimento e vai (não entendi) junto, atuando junto com o aluno. Praticamente, eu vejo que essa, essa optati, é , sendo, buscando optativas em outras áreas do conhecimento é uma forma de tá , tá é dando conhecimento né que, preenche o professor né pra trabalhar junto com o aluno. Que essa proposta do novo ensino médio é isso, né, pro aluno ser também agente ativo. Aí com o professor, aí é necessário que o professor conhecimento além da sua formação."

Estagiária5:" eu penso que não né, por que eu como o (...) falou né, a gente deveria mas assim tirando eu por exemplo, eu fiz uma disciplina optativa que não foi na área da Geografia no caso né.

Pesquisadora: foi em qual área?

Estagiária 5: " foi na Ecologia política, lá na Tapajós.

aí só que assim, no caso, já tava essa questão do novo ensino médio, e assim, da nossa turma pessoalmente, eu vejo que ninguém se preocupou em buscar outras disciplina de outras de outras interdisciplinaridades. Por isso que eu falei que não. porque mesmo nós sabendo que iria enfrentar esse período a gente não, a gente não, a gente sabe que tem que buscar, mais na prática a gente não busca. E isso eu vejo isso nas escolas, tipo assim, lá no RP, é, eu acho que é mais questão do professor tá muito ali na sua caixinha e não querer tipo assim, tipo assim, ah a Geografia é melhor que história. E Eles não querem assim, é, abrir mão da sua, da sua área de conhecimento eu vejo que é mais essa questão. Por isso que eu falei que eu acredito que não

vai buscar, porque quando a gente tá na geografia a gente meio que não quer buscar questões da história por isso que eu falei que não porque na escola também vejo isso.

Os professores de história quando é PI, eles querem passar só o conteúdo da disciplina de história, assim como professora de Geografia, ela quer passar só de.

Eu falo mais de história e Geografia porque sociologia e filosofia os professores geralmente eles nunca vão. É Eles sempre, sempre tão fora da escola né, aí fica só a professora de história e de geografia. Ai de sociologia e filosofia eu nem conhecia a professora de filosofia. A (...) Falava dele né, aí eu falava assim, eu não conheço esse professor, eu nunca vi, aí ela me mandou uma foto dele né, esse aqui é o professor de filosofia, porque nas aulas que eu ia, que era PI, que era pra ele tá, ele nunca tava, ele sempre ou tava na na outra escola que ele trabalha né, ou ele, ele mandava áudio, professor hoje eu não vou, aconteceu tal coisa, tipo assim. Aí sempre fica história e Geografia, história e Geografia.

Só que o professor ele geralmente ele quer levar assuntos de História e a professora as vezes ela quer levar assuntos de geografia. Mas agora isso já tá mais, a gente já montou um, um plano que, que une as duas disciplinas, história e Geografia. Porque filosofia e sociologia não dá porque os professores nunca, nunca tão presentes.

Pesquisadora: " E o relacionamento tá melhor com esse plano? Dessas duas ciências.

Estagiária 5: "Tá humrum".

Estagiária 4: "assim o que a (...) Falou, é realmente importante, até tenho uma situação, que eu até comentei com elas. Que na aula, foram três né, Parecia um cabo de guerra na aula de aula.

A professora tratava um assunto, e aí, historicamente falando. A geografia levantava, agora puxando pro lado da geografia, geograficamente falando, vinha um outro filosoficamente falando.

E a gente via a confusa na cara dos alunos, eu acredito que não era pra ser daquele jeito. Eles deveriam se organizar mais, planejar mais, não teve na hora tarem fragmentando as coisas né. Ficou muito confuso pra, prós próprios alunos essa situação.

Pesquisadora: " eu tenho a sensação, vocês vão me dizer se eu tô errada ou não. Que a proposta foi muito mal compreendida ainda. Ainda está muito mal compreendida. Porque o que vocês chamaram de velho ensino médio, é, ele direciona a aprendizagem pelos conteúdos.

E o que vocês, o que a sociedade chama de novo ensino médio, tende a propor que o debate se de a cerca de problemas e não de conteúdos. E que então os conteúdos vão ser puxados de acordo com a necessidade deles pra resolver determinados problemas.

Mas isso não é feito e não é entendido. Continuasse, é, com a visão anterior, do conteúdo que realmente não funciona com a nova proposta. Uma coisa é você estabelecer um problema, temos um problema, agora vamos pensar como que a gente pode dar soluções pra ele .

Aí a gente vai buscar os conteúdos necessários.

É completamente o oposto de você já ter os conteúdos, não esse é o conteúdo, pra que? Não sei. É que a gente repete isso todo ano, e esses são os conteúdos. Mas como que eu vou usar? Pra que que ele serve? Não interessa, esses são os conteúdos. Então trabalhar por conteúdo e trabalhar por problemas são visões de educação completamente diferentes. E a sensação que eu tenho, vocês por favor me digam se eu estou errada, é que ficam tentando enfiar o quadrado no redondo ou seja tão querendo levar a ideia de conteúdos pra dentro de uma proposta que não é de conteúdo é de problemas conteúdo é só um instrumento para você resolver problema ele não é importante por si só, ele só se torna importante na medida em que ele é chamado para dizer alguma coisa. É isso ou eu tô errada?

Estagiário1: "tanto é professora que, a avaliação deles não é, é, quantitativa é qualitativa. Não, não tem nota assim, é conceito.

ABC isso é bom é suficiente ou ruim o desenvolvimento nos, dos projetos no caso, de tem eletiva também no caso.

Estagiária 5: "É porque assim, no caso

Na escola que eu estagiei no estágio dois né, tavam começando essa questão né, da implantação do novo ensino médio aí, quando era hora do intervalo os professores ficavam né aí a gente tem que montar um projeto e tal, e era diferente da da escola que eu faço o R.P né e aí eles tinham logo que montar um projeto e como eles não tinham, eles não se guiavam, não tinha essa questão do livro né, eles montaram um projeto sobre, sobre palestra, sobre violência doméstica. Os professores do, das ciências, das áreas sociais né.

E aí eu achei, eu ache. E quando eu fui já pro R.P, que já tinha essa questão aí a gente vai trabalhar o livro, vai trabalhar, eles já tão mais preso ao conteúdo do livro, de, de tipo de seguir o que tá no livro, de que buscar novas, novas questões.

Pesquisadora: "e não o problema que é atual e que incomoda muito ainda, não discutir algo que toca diretamente na vida das pessoas.

Estagiária 5: "e quando os professores os professores lá dessa escola que eu esta... fiz o estágio 2, eles levaram proposta da violência doméstica, tinha os professores que diziam aí isso não tem nada a ver com o que é, que tá pedindo na, que veio pedindo, e tal. Aí eu fiquei tipo meio perdida né, porque tipo e o que é que tá pedindo né. Aí quando chegou lá no, na escola que eu faço R.P, aí já é mais diferente. Eles já seguem mais uma, uma questão que já vem, tipo, vocês vão usar isso isso isso. Aí eles tem que juntar o que se encaixa em cada disciplina mas tipo, muito pelo conteúdo e não que, pelo problema".

Pesquisadora "E você acha que esse problema levantado violência doméstica como um projeto a ser desenvolvido, se discutir esse problema, pensar em soluções possíveis plausíveis para essa realidade social que é, inclusive com a possibilidade de chamar a gente do fórum que trabalha com violência doméstica e etc você pode fazer muita coisa no projeto inclusive trazer gente de fora para palestrar, existem ONGs ligadas ao judiciário que fazem esse trabalho gratuito, etc, etc. você buscar coisas que não tão previstas no conteúdo e você adicionar essas coisas a informação histórica e geográfica por exemplo, do problema violência doméstica. Será que o problema da violência doméstica é igual no mundo todo? É uma questão geográfica e espacial né. Será que é violência doméstica ela é mais intensa No Brasil se é, por quê? são questões, é, geográficas, históricas sociológicas filosóficas, ne, é quem fez, ou ninguém aqui, que faz educação e relações ético, é, étnico raciais comigo, ou fez, sabe que eu trabalho isso a partir de sociólogos a partir da filosofia, da sociologia, da história é uma disciplina extremamente interdisciplinar.

Então pensar violência no Brasil, violência de uma forma geral que inclui a violência doméstica a gente precisa de aporte teórico de diferente disciplinas uma única disciplina não dá conta de explicar um fenômeno completa, muito complexo.

É, ainda explorando e ouvindo mais, porque que você acha que ainda assim apesar de você ter feito ainda assim os nossos calouros vão continuar se limitando as disci, disciplinas

optativa da Geografia e não vão buscar isso na história, na antropologia, ou em outros cursos lá no Tapajós? por que que você acha que não vão fazer isso?

Estagiária 5: " eu não sei, num sei mas eu vejo que é pela questão mas do, tipo, mesmo do que, que mesmo, por exemplo assim, nessa etapa o aluno vai aprender isso isso e isso, aí eu vejo que os alunos, tipo quem tá na universidade ele tá mais preocupado nessa, com essa questão do que in in ficar tipo ah eu tô em geografia, então eu vou fazer, é cursos que são da área da geografia. Eu vê, Eu vejo assim né, mas também.

Pesquisadora: "você acha que é um certo conformismo?"

Estagiária 5: "sim"

Pesquisadora: "ou uma certa, um certo comodismo, seria a palavra?"

Estagiária 5: "sim, é, é"

Pesquisadora: " eu já tô aqui vou ficar aqui. Não vou pegar o ônibus pra ir pro Tapajós. Aí vou ter que estar em turma que eu não conheço ninguém isso pode me gerar certo desconforto emocional, sentimental.

Eu vou ficar longe da minha zona de conforto, onde eu já conheço. Cês acham que tem esse fator psicológico?"

Estagiária 4: "eu acho que sim"

Estagiária 5: "eu acho que sim"

Estagiário 1: "tem"

Estagiário 2: " ei professora, professora. Também tudo depende assim do, do que se pede, do período né, de adaptação. E eu me recordei agora que eu fiz uma disciplina na informática

educacional foi na aquele período que teve a pandemia, nós retornamos né, a, a, a ter online aulas remotas então eu vejo assim.

A depo, a depender do contexto, do cenário, que estamos inseridos, é, vão tender sim né. É Com a exigência da do novo ensino médio.

Uma vez que eu fui fazer a informática educacional, por questão do, do, da pandemia né, que aquela, naquela, naquela época tudo era online. E eu vejo também com a proposta da BNCC que é necessário também esse conhecimentos é, de, de, de produção né. De é necessário produzir vídeos para os alunos, necessário produ, essa produção áudio visual. Então eu vejo que, por isso que eu respondi, né, que me perg, que eu acho que sim, porque a depender, ao, ao que se encaminhar né, eu vejo que, que pode ser sim, um novo.

Eu, eu fiz isso, né, eu fui buscar conhecimento na, na informática educacional por conta da pandemia, então é o fator externo que vai te pressionar, a vida do universitário".

Pesquisadora: "teve algum fator interno que seria estimulante por exemplo, nos professores da equipe começamos a estimular vocês a buscar, conhecimentos, é, da, dessa grande área?

Cês acham que a gente faz pouco isso?

Qual é o compro, qual e o, o quanto vocês podem comprometer o curso, o corpo docente do curso de geografia nessa nesse conformismo de vocês?

essa permanência nesse lugar, nessa zona de conforto.

Estagiário1: " a senhora fala isso em relação a gestão da geografia?

Pesquisadora: " não, eu tô falando do corpo docente, nós professores do corpo docente do curso de geografia. Vocês acham que se a gente provocasse mais vocês a procurar optativas fora em outras áreas da em outras áreas oferecidas pela ufopa ofertadas pela ufopa, fazer mais optativas fora e não mais do mesmo, não mais. Se a gente entrasse na sala de aula e falasse isso com mais frequência, isso seria, isso teria algum impacto ou não?

Estagiário1: " Eu acredito que sim (...)

Pesquisadora: " a gente de alguma forma amarra vocês aqui dentro, a nossa atitude então tem essa, esse essa variável não é a única mas é, não é a única porque o(...) E a (...). I falei o nome, cês riscam tá? É eles fizeram, elas vão riscar tá, que elas realmente não se interessam pelo pelos

nomes de vocês é, é uma questão até de respeito mesmo e dá liberdade pra vocês falarem o que querem sem, sem ter preocupação de depois ser abordado por que fulano disse isso, beltrano disse aquilo.

Ée, então voltando que eu tava falando mesmo? que eu esqueci.

Estagiário1: " sobre a, incentivar os, os alunos pra, a buscar"

Pesquisadora: "obviamente que não é a única variável porque apesar de não existir esse incentivo, temos pessoas que fizeram disciplinas fora do curso. Mas é minoria.

Estagiário1: "Sim"

Pesquisadora: " Se o estímulo partir da gente, do corpo docente, vocês acreditam que isso vai aumentar pouco ou muito?

Estagiário1: " eu acredito que pouco ainda, professora.

Pesquisadora: "Pouco?"

Estagiário1: " existem muitas, muitas questões é, pessoais também. Por exemplo, a gente faz cinco disciplinas todo dia, uma disciplinaa, e não sobra, tem gente que precisa trabalhar no horário da tarde tem gente que trabalha à noite aí já teem a semana preenchida com os 5 dias da Geografia no caso, aí num sobra espaço para ele fazer uma ooutra disciplina no outro, no contraturno, por exemplo".

Pesquisadora: "Porque isso vai, vai tornar o curso mais longo"

Estagiário1: "Isso"

Pesquisadora: " Quando você respeita u, u, a grade que a coordenação estabelece você tem a sensação de que você tá caminhando no tempo certo. Quando você deixa de fazer u, uma disciplina aqui, pra fazer outra lá no Tapajós, depois você não sabe quando você vai conseguir encaixar essa disciplina "

Estagiários: "siiim"

Pesquisadora: " que aí você vai ter que fazer outra que você não fez, ela vai ser ofertada no mesmo dia, e isso geraria um no, que levaria vocês a, alongar o curso que não é desejável".

Estagiário1: "sim, essa questão, é uma. Que tem disciplinas que ela, ta sendo ofertadas esse semestre, aí vem dois semestre ela não seja ofertada, aí já complica a vida doo"

Pesquisadora: " e se vocês não trabalhassem?

Levanta o braço quantas pessoas trabalham fora aqui, além das atividades da universidade, só um. Tá.

É então aqui a maioria não trabalha, é dedicação exclusiva Universidade, é isso ?

Estagiária 4: "não eu cuido da minha filha"

Estagiário1: "não trabalho assim em trabalho fora, mas tem outros trabalhos, é."

Pesquisadora: "Ah entendi, tá.

Quem é dedicação exclusiva a universidade? claro todo mundo tem louça para lavar, né, eu também tenho, e eu sou dedicação exclusiva a Universidade, tá. É, Eu digo assim que realmente tem uma regularidade diária, uma atividade que não tem nada a ver com, com a universidade, Uma carga horária considerável.

Ée, vocês acham que bolsas de estudo, que garantissem financeiramente que vocês, é, daria essa possibilidade de vocês se movimentarem mais se dedicarem mais ao estudo no ter que procurar uma outra fonte de renda, por exemplo, vocês estudam aqui, a turma de vocês estuda de manhã é horário prioritário, né, mas tem cursos de História à noite, por exemplo, tem disciplina de antropologia à tarde, por exemplo.

você fez ecologia política, qual foi o turno que você fez?

Estagiária5: " a noite"

Pesquisadora: " à noite, então existem opções à noite e à tarde. na medida em que não precisam ou não precisarem ée, buscar é for, recursos financeiros para sobrevivência, vocês acham que

vocês ganham com esse tempo ou 5 disciplinas é muito pra estudar e não teria como arrumar mais uma a tarde ou a noite? Ou mais duas, mais uma por semestre, por exemplo, ou mais duas?

Vocês fazem cinco de manhã que vocês não querem abrir mão pra não perder o caminho, né, para não alongar. De qualquer maneira vocês vão acabar fazendo optativas à tarde, certo? ou noite. A minha pergunta é, por que que no dia da optativa de você a tarde, vocês não subs, nunca substituíram essa disciplina que seria a tarde, optativa, por uma outra disciplina à tarde ou noite em outro curso?

Não daria no mesmo?

Estagiária3: a gente pode fazer uma disciplina sem ser optativa em outro curso?

Estagiária5: "eu nem sabia que podia"

Estagiária3: "não sabia que podia, não."

Estagiária 4: "Ninguém nunca falou isso pra gente"

Pesquisadora: como é que foi a contabilização desse que você fez fora?"

Estagiária 5: "Como?"

Pesquisadora: "Como contabilizou no seu histórico a Ecologia política?"

Estagiária 5: "Ela, ela só aparece lá, por causa que eu já, eu já, fiz as três optativas da Geografia né, aí como minha irmã estuda lá, aí, aí ia ter essa disciplina aí eu peguei fui lá com, se eu podia me inscrever, porque eu, eu achei interessante né, aí, aí ela aparece lá embaixo, só que ela não conta como, ela conta mais, lá embaixo junto das optativa, não como das. Ela conta, Lá nas optativas tá tem tipo quatro disciplinas não tem três que são as optativas obrigatórias no caso né, já tem quatro no caso, tem as que eu fiz na área de geografia e conta essa uma."

Pesquisadora: não entendi. Optativa obrigatória, não seria uma contradição?

Estagiária 3: Não porque assim, ela é uma optativa, mas ela precisa ser obrigatória.

Pesquisadora: é obrigado a completar carga horária, dessa optativa. São 200 horas.

Pesquisadora :é obrigado a completar carga horaria dessas disciplinas, mas não com essa disciplina, optativa. Então, mas uma vez falha do corpo docente. Oi? Se vocês não sabem é falha nossa, percebem?

Estagiário 1: No início eu achava professora que a gente deveria fazer só optativas.

Pesquisadora: Veja bem, se são optativas, vocês são obrigados a fazer essas optativas, então não são optativas. Percebem? São obrigatórias.

Estagiário 1: é porque na nomenclatura é optativa. O nome e o código, elas aparecem pra todos, no caso.

Pesquisadora: Pra todos os cursos?

Estagiário 1: a gente nunca imaginou que poderia fazer de outros cursos, por exemplo no tapajós.

Pesquisadora: esse é o sentido da palavra universidade. A primeira palavra da sigla Universidade Federal do Oeste do Pará. Tem haver com universo. Galáxias, estrelas. Justamente pra você circular. É a ideia dá... dá... fundação chamado universidade.

Pesquisadora : quando a gente vai fazer matricula ela já aparece lá, por exemplo. Uma optativa em geografia, não aparece em outros cursos, entendeu? Ela já aparece lá embaixo. Relacionada ao curso de geografia

Pesquisadora : Como é que você fez inscrição?

Ecologia: Eu tive que ir lá, porque como a menina falou, quando a gente procurava pelo nome não aparecia para mim ir para lá. Aí eu tentei, porque eu tinha tentado fazer outra disciplina que era sobre solo, mas era da geologia para poder me matricular eu tive que ir lá na tapajós. Aí falei com o professor no primeiro dia de aula e já fui no outro dia.

Pesquisadora: Como você fez o procedimento?

Ecologia: aí eu preenchi uns papeis lá, não foi pelo sistema.

Pesquisadora: na secretaria. Entendi. E eles que entraram no sistema e colocaram.

Ecologia: Sim , eles colocaram no sistema. Mas quando a gente vai se escrever pelo sistema, não aparece.

Pesquisadora : então o sistema acaba conduzindo?

Estagiários : Eles dão prioridades pro curso matriculado.

Estagiário 2: por exemplo uma amiga queria fazer em pedagogia, mas não deram prioridade pra ela.

Pesquisadora: mas isso é raro, é um limite muito grande de aluno. Muito difícil ultrapassar 60. É raro acontecer isso. Não sei se as turmas de pedagogia são grandes demais.

Aluna: pode ser.

Pesquisadora : Aham, tá então vamos voltar para cá.

Menino canto: no meu caso professora, foi turma de férias. Foi via sigaa mesmo.

Professora: Você conseguiu pelo sigaa?

Canto: Foi. Eu vi a possibilidade que tem as turmas de férias. Ai eu matriculei.

Pesquisadora : será que é porque é mesmo instituto? Informática educacional é no ICED. Aparece? Ou vocês tem que ir no PPC de cada curso no site da ufopa? Vou lá no ppc da história e tem aquela grade das disciplinas. Não tem uma parte da grade da disciplina que tem toda. Por exemplo história do brasil. Seria mais interessante pra vocês dentro de BNCC. Aí você olha as ementas e vê, há vou fazer essa. Aí vai lá digita ela aparece pra você se inscrever é isso?

Estagiários: sim.

Estagiaria 4: quando coloca o nome da disciplina aparece de todos.

Pesquisadora: Todos os cursos?

Estagiária 4: Sim de todos os cursos da universidade.

Estagiários: Para mim não aparece, só se colocar código ou nome corretamente da disciplina.

Pesquisadora: Mas você disse que aparecia todo uma relação ne?

Estagiário 1: Quando digita certo, no caso.

Professora: mas o que você digita? Por que aparece pra uns e pra outros não? Com você faz?

Estagiário 4 Eu vou na pesquisa e pesquiso sobre biogeografia, aí aparece tudo sobre. De outros cursos também.

Pesquisadora : tá aí só jogou a palavra. Política aí aparece.

Estagiários: Só se jogar o nome da disciplina correto.

Pesquisadora : Então se eu digitar política não vai aparecer geografia política?

estagiários: Não, tem que ser o nome exato. Tem que pesquisar o nome exato aí aparece todas as turmas daquela disciplina.

Pesquisadora : Ah então vocês tem que olhar, vocês já tem que olhar vários curso e já ter uma ideia do que vocês querem fazer. Tipo dá uma bisbilhotada geral, em história, biologia em outros cursos, né? Ecologia? Você fez ecologia política?

Ecologia: não, foi Ciências ambientais.

Pesquisadora: ciências ambientais, enfim. ok. Vocês vão bisbilhotar. Ai vocês vão começar a montar o currículo de vocês. A trajetória particular de vocês na universidade. Nessa carga horaria de optativas, não é?

Estagiário 1: Então acho que deveria ficar disponível. Quando fosse o período de matrícula, todos essas disciplinas, por exemplo, da geografia toda. Da gente mal aparece do nosso curso. A gente tem que procurar.

Estagiário 3: Divulgam lá a disciplina e a gente vai procurar lá.

Estagiário 1: quando a gente vai olhar oferta de disciplina

Pesquisadora: Eu vou propor isso.

Pesquisadora: aí a gente pergunta, qual o código.

Estagiário 1: a gente tem que ir atras. Em cada semestre, porque não aparece no sistema. Tem gente que nem se matricula na disciplina obrigatória porque não conseguiu ou não encontrou.

Pesquisadora: e vocês acham que se sentiriam mais preparados para enfrentar o contexto do novo ensino médio se tivessem feito mais isso?

Estagiário 1 Acho que talvez sim professora.

Pesquisadora: Se tivessem feito mais optativas fora da geografia?

Estagiário 1: talvez,mas mesmo assim ainda é pouco.

Pesquisadora: mais uma coisa, normalmente quando se critica a BNCC, Se critica muito no sentido do espaço físico da escola. Que não tem laboratório, por exemplo é uma frase que se repete. Vocês acham que o velho ensino médio não precisava de laboratório? Para ser um bom e velho ensino médio?

Estagiários: Com certeza, precisava.

Pesquisadora: então o problema de fato é esse? A ausência do laboratório? A ausência do laboratório que prejudica os dois? Então porque isso é apontado como uma possibilidade, se

isso já impossibilita o velho ensino médio? Porque eu não consigo entender. Se vocês puderem me explicar.

Estagiário 5: Acho que esta muito ligado a acomodação, professora.

Pesquisadora Oi?

Estagiário 5: Acomodação do professor.

Pesquisadora: Você acha que esta me dizendo que a acomodação prejudica, porque de fato isso seria mesmo uma desculpa.

Estagiaria 5 Porque eles estão acostumados com a mesma rotina de sempre. E aí quando tem algo novo ele já começa a reclamar, há tem que fazer isso, elaborar projeto, lá a professora tem que integrar o projeto também, que eles vão ter que apresentar no final de julho, aí logo reclama que tem mais trabalho, tem que fazer isso e aquilo.

Pesquisadora: aí vocês acham que põem a culpa em alguma coisa da estrutura física da escola que não é a verdade acerca da existência.

Estagiaria 5: é

Estagiário 1 tem uma coisa que eu acho também importante é a falta de preparação no caso, é os professores dialogarem, no caso das humanas. Eu sei que eles não estão fazendo isso, mas da de perceber pela carga horaria. O professor da aula de segunda a sexta e não tem um tempo livre que poderia ser dentro da escola, pra se juntar com outros professores para preparar a aula. Aí isso acaba dificultando o preparo da aula, o projeto.

Pesquisadora: Será que não tem? Você já perguntou? Eu tô perguntando isso, porque isso é uma lei antiga. O governo federal, um dos primeiros governos do Lula, eles pediram que tivesse aumento dessa carga horaria preparatória, que antes era assim, é carga horaria. Carga horaria, carga horaria era muito comum, carga horaria de 12 horas. Professor dava 12 aulas, 12 tempo de aulas, né? É, e ganhava 14. Ele só tinha 2 tempos de aula para preparar 12, desculpa falei errado. Ele ganhava 14 horas e dava 12 aulas. É muito pouco, você ter dois tempos de aula para preparar 14. Melhor 12. aí houve uma pressão, inclusive em termo de recursos, que só ia receber

recursos ou mais recursos do governo federal quem ampliasse essa carga para preparação de duas aulas, porque você não tem tempo para preparar uma boa aula, você não tem tempo pra reunir, pra pensar um projeto e aí você não vai da uma boa aula. E esse tempo tem que ser pago porque é trabalho, né? Aí eu comecei a ver de 14 aumentando pra 16. E o professor continuava 12 horas em sala, mas ganhava 16 que é justamente esse tempo que ele ia se organizar com os colegas, para conversar, não necessariamente tinha que ser na escola, algumas escolas obrigavam que fosse na escola esse tempo e outras não, poderia ser livre, a distância, por telefone, cada um na sua residência e montar alguma coisa, se cobrava, isso aí variou de uma escola para outra, de município e outro. E houve uma pressão no sentido de só tentar mais, não ser só pular de 12 para 14 e de 14 para 16, isso ia ampliando o tempo do professor para ele estudar. Pra ele tentar fazer uma educação continuada, pra ele continuar fazendo cursos, estudando, para estudar em casa, a gente não pode parar de estudar, e esse tempo deveria ser pago. Vocês já descobriram quanto tempo o professor recebe? quantas horas aulas ele recebe salário? Quantas de fato ele tem que tá na escola? Porque por exemplo no instituto federal o professor recebe 40 horas e ele não faz nem 12 em sala de aula. Ele tem outras atividades, inclusive preparação de aula, vocês sabem como isso tá funcionando? vocês sabem nesse momento de novo ensino médio? Em que as pessoas tem que ter o gasto de energia muito grande pra mudar o modo de trabalhar, né? E mesmo pra ler a BNCC que tem 600 páginas. E trabalho, você precisa ser pago, né. Tá lendo a BNCC é trabalho, então tem que ser pago por essa carga horaria trabalhada. Vocês já fizeram essa pergunta? Vocês que de alguma forma já estão ensaiando concursos. Qual é a carga horaria, que vocês são pagos e quantos de fato estão na sala de aula? Vocês têm ideia disso?

Estagiário 1: pelo que sei professora, só eu não sei na verdade das outras escolas que não são integradas. E nessas escolas que são integrais, e aplicam o novo ensino médio, eles têm um tempo lá dentro da escola. Para preparar, nessas outras não sei lhe responder, mas vejo eles reclamar que não tem esse tempo para preparar. Então não sei afirmar.

Pesquisadora: aí você não sabe se é tempo suficiente.

Estagiário 1: isso. O que eu tava pensando também é... essa junção das humanas, porque por exemplo a professora tem terça feira tarde livre, ela não tem horário na escola, mas o outro professor de escola ele tem aula aí eles não têm um tempo para tá os quatros no mesmo dia para

preparar projeto no caso. Isso que eu tava pensando também, não só 1 professor, mas os 4 juntos.

Professora: aí é uma questão de planejamento de gestão, juntar eles para trabalhar juntos.

Estagiário 1: sim

Pesquisadora: então você para três tempos de aula ou a tarde ou de manhã. Esse tempo sem alunos, pago e sem eles para preparar um material de aula.

Estagiário 1 sim

Pesquisadora vocês acham que a estrutura física ela atinge, mas as humanas? Ou as ausências do laboratório de informática, laboratórios de experimentos ou moldes, etc. vocês acham que essa falta de recursos de investimentos ela atrapalha mais os projetos de ciências tecnológicas ou de humanas? Vocês acham que é mais fácil o professor trabalhar bem dentro dessa perspectiva de problemas e não de conteúdo. De recursos, quem se da pior com essa situação, a galera da biologia, matemática ou humanas? Nesse problema de espaço e recursos?

Estagiário 1: eu acho que todos professora. Todas as áreas necessitam de um espaço e apesar...

Pesquisadora que tipo de espaço? Você acha que falta para fazer um bom projeto. É voltado para problema e não para conteúdo.

Estagiário 1: é... a Priore acho que um laboratório de informática é necessário em todas as escolas. Por que pessoalmente nas escolas periféricas é nem todos os alunos tem acesso a celular, internet em casa aí falta de pesquisa, assistir um vídeo. Tipo para área de humanas fazer uma aula diferente, sair da sala de aula. Fazer uma pesquisa naquele momento, eu acho que principalmente esse laboratório de informática seria algo essencial nas escolas.

Professora; no caso por exemplo, das tais disciplinas físicas, biologia, química, você acha que um laboratório de informática seria suficiente ou faltaria outro tipo de laboratório?

Estagiário 1: não. Faltaria com certeza; no caso só ia ter acesso a pesquisa, mas precisaria de outro espaço para fazer a pratica. Praticar, fazer reações, elementos.

Pesquisadora : então você acha que as humanas precisam de menos recursos, na medida que de informática seria suficiente. Para química e biologia ou as ciências da natureza não seria suficiente?

Estagiário 1: humanas também necessita, a gente faz geografia, a gente faz vários projetos, vários experimentos, usa solo.

Pesquisadora não, não, não. Humanas... porque a geografia, ela é dois...

Estagiário 1: sim, ela se divide

Pesquisadora: é ela é duas vezes, por isso que... dizem que a BNCC aumenta o numero de concursos de vaga para professor de geografia, que atua no mesmo tempo em dois projetos no mínimo de começo assim. Né? Tipo nas humanas. Aí é o lado humano da geografia, com a sociologia, a filosofia, você acha que as humanas precisam de menos recursos? Da pra fazer um bom trabalho com menos? Do que com a ciências da natureza?

Estagiário 1: eu penso que... a verdade só consigo pensar agora na parte da internet, no caso, que os alunos não tem acesso, mas isso daí já é um começo. Da parte de informática. Fazer pesquisa, montar projetos, não consigo pensar algo além, ainda, no outro espaço.

Pesquisadora e o que que vocês acham que poderia mudar a atitude dos professores, em relação a um... um... ensino mais que um problema de conteúdo e... enfim mais interdisciplinar? Vocês acham que tinha que mexer em que? Na formação, formação básica, formação continuada? mais dinheiro para estudar e produzir esse material, mais dinheiro nas escolas, laboratórios, vocês acham que essa tal má vontade que vocês encontram seria superada ou irá permanecer?

Estagiário 1: tanto na formação dos professores quanto no investimento para o ambiente escolar.

Pesquisadora: mudaria completamente ou ajudaria essa atitude de sair da zona de conforto?

Estagiário 1:acho que não mudaria completamente. Porque é um processo e a educação precisa de processo. Ia melhorar a situação que tá hoje

Pesquisadora ia melhorar mais em relação aos novos professores e os mais antigos vai ser mais difícil mudar?

Estagiário 1:: eu penso que é falta de interesse dos professores por que no meu período de estagio 1,2,3 tive contato com 3 professores diferentes e eu percebia quando era interesse de um e do outro não. Tem professor que tá quase se aposentando, mas tem seu equipamento de Datashow, computador, procurou de certa forma se atualizar no contexto que a gente ta vivendo, enquanto outros professores que não faz nem questão, então não é se só tem que mudar todos os professores, mas eu acho que qualificar os que tem e juntar com os que tá chegando. Dessa forma.

Pesquisadora aham.

Estagiário 1:: é claro que tem uns que tem dificuldade, mas eu acredito que ele se esforçar um pouco ele consegue sim.

Pesquisadora mais alguma coisa? Que esqueceram de falar? Não tem nada aí que não tenha faltado no assunto?

Pesquisadora a: vocês acham que a educação brasileira ela é igualitária?

Estagiário 1:: com certeza não. Percebe isso principalmente pelo espaço físico, tem escolas que são climatizadas outras já não são, isso dessa parte de administração, vai pra escola, vai pra outra livros didáticos, tem escolas que não recebem livros didáticos, tem outras escolas que tem livros empilhados na biblioteca sobrando e outras já não tem, tem escolas que tem cadeiras bonitinhas pra sentar e outras não. Então dessa forma.

Estagiário 4: uma coisa que não entendi lá na escola tem um monte de livro mas o aluno não pode levar para casa, pega, ler ali naquela hora as vezes sim as vezes não. Como é que ele vai praticar vai poder reler em casa? aí eles sempre falam, se rasurar vai ser 35, 40, elas dão um valor lá de um livro, aí eles lêem na hora e retornam aí eles ficam usando xerox, lá dentro da

escola é cinquenta centavos, aí nem todo mundo tem todo dia. É muito gasto. Então nesse caso não entendo porque, se é livro didático. Quando eu estudava a gente ganha livro no começo do ano e devolvia final do ano. Agora a gente não pode levar livro pra casa. Então o livro agora é só pra olhar e admirar e pronto.

Pesquisadora: eu tava vendo Greg Wills ontem ele falou sobre o novo ensino médio. Não sei se vocês já tiveram oportunidade de vê. E ele faz uma certa critica muito leve, porque não é fácil fazer critica a professores. Não sei se vocês já perceberam que a nossa classe é sempre sagrada. Fazer criticas negativas a professores, sempre dá muitos problemas, né? A gente precisa ter muito cuidado quando agente fala dos professores e vocês tem que ter muito cuidado na hora de escrever porque é uma classe sagrada, nenhuma outra classe profissional é mais sagrada que a classe dos professores porque os professores praticamente são a continuidade do pai e da mãe fora de casa. ninguém fala mal de pai e mãe, né. O filho pode falar do pai e da mãe, mas você que é amigo do filho você não pode falar mal do pai e da mae dele que é sagrado, você ta entendendo? Então assim agente ainda está na mesma classe, agente ainda se sente a vontade pra falar porque somos partes. A gente pode falar do nosso irmão, mas o de fora se falar do nosso irmão o pau tora, né. Então a gente está aqui dentro a gente tem essa liberdade, mas ainda assim precisa ter cuidado porque é uma classe tradicional centralizada, ne. Diferente de outras classes que não são tão sagradas. É... esqueci o que eu ia falar

Pesquisadora: algumas pessoas são contra, né a BNCC e o que vocês pensam sobre isso? Sobre elas serem contra, especificamente ao novo ensino médio? Falta de conhecimento? O que que é?

Estagiário 5i: essa acomodação ne que eu falei. Falta de conhecimento também. Tem esses que nem leram. Seria isso ne?

Estagiário 1:: acho que ele perdeu um pouco a liberdade. Ficar sozinho lá com os alunos, acho que com tecnologia eles ficaram acomodados. tem mais três professores na sala de aula. Tem essas questões, o que mas vejo reclamar, aí vai nos 4 pra sala de aula. É sobre ir 4 professores pra sala de aula.

Pesquisadora isso incomoda por que eles acham que vão expor sua falta de conhecimento pro outro colega?

: eu penso dessa forma professora.

Pesquisadora beleza. Ultima coisa. Então no Greg Wills ele tem que ter muito cuidado pra falar dos professores porque ele é um comediante, ele é um ator, mas ele precisa ter muito cuidado, apesar de ser formado em letras ele não atua como professor. E ele fez uma critica bem cuidadosa, mas cê ve que não deixa de ser acida. Ele diz assim a gente t vendo muito agora dizer que a BNCC ela aumenta o forço entre educação do rico e do pobre porque agora o pobre não vai poder passar pra medicina, ele não tem mais os conteúdos e ai ele meio que fala: ué mas o velho ensino médio pobre passava pra medicina? Tá entendendo? Então ele aponta algumas falsas justificativas entre os professores, percebe? E no fim das contas ele atribuem tudo a falta de dinheiro pra educação, então ele acha que os professores tem que ser mais bem pago. Então ele acha que o professor não ta estudando nem preparando boas aulas porque ele não é bem pago. Mas ele não diz essas coisas entendeu? O professor tem que ser mais bem pago para ele fazer um trabalho mais competente percebe? Ele tem que ser mais bem pago, a escola tem que ter recursos. Bom... mas no velho ensino médio a escola também precisava ter recursos, pra ser um bom velho ensino médio que locou as pessoas pros cursos mais concorridos, né? Precisava de recursos, então o velho ensino médio também precisava. E tinha escolas de ricos com laboratórios de química, física maiores que esse bloco, isso no velho ensino médio. Dentro de escola com ensino básico, que tinha aulas de robóticas, isso na década, no ano 2000, 2001 e agente ta em 2023. Eu fiz estagio, é... bom enfim... então ele fala assim, tem que ter muito dinheiro. O problema é a falta de dinheiro, pra não dizer que é dinheiro pra formar professores, inclusive dinheiro pra forçar que eles estudem, no tempo que eles estão sendo pagos para estudar, ne. E ele diz que de fato o velho ensino médio não era bom, ele dá esse recado, não era bom. Tanto é que precisa de reforma, a gente reforma a casa, ele usa essa metáfora a gente reforma porque ela ta caindo aos pedaços, é ruim, tem que arrumar. E ele diz e reforma, quem gosta de reforma, a gente gosta do resultado, mas da bagunça não, faz barulho, gritaria. É interessante que ele fala com muito cuidado da classe sagrada. Mas o que vem depois da reforma, algo pior ou melhor? E ele diz pra fazer reforma precisa de muito dinheiro. É interessante que eu acho que ele deve ter sofrido por ser de esquerda muita pressão dos cursos mais concorridos muita pressão pra trazer esse tema , eu tava esperando e não vinha, então ele devia esta sofrendo muita pressão e eu acho que estava resistindo. E ele fala desse jeito, né, a

reforma é necessária, Com muito cuidado, com muita entrelinha, mas pra fazer precisa de dinheiro, e o velho precisa de dinheiro pra ser bom. Então a BNCC tá aumentando esse forço de rico e pobre? No velho pobre não passava em medicina. Então esse argumento é meio que falso pras pessoas derrubaram essa reforma, que ta muito ruim de fato e precisa de mudança e melhora. É... e aí as pessoas usam esses argumentos falsos, quando na verdade o velho ensino médio fazia isso também. Quando vocês tiverem de uma olhada, é interessante, e de fato agora estamos no governo de esquerda, é dele que a gente cobra investimento em educação, o governo de direito Temer e Bolsonaro, eles só fazem cortar. Então a hora é essa, exigir, melhorar. Agora é a hora porque é governo de esquerda, isso é bom. Então gente, obrigada.

Estagiários: obrigado.



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Aos 04 dias do mês de Julho de dois mil e 23,
realizou-se na Unidade Rondon do **Campus de Santarém** da Universidade Federal do Oeste do Pará
(Ufopa), a apresentação pública do Trabalho de Conclusão do Curso desenvolvido pelo (a) discente
Róbia Buzia de Lima Oliveira, intitulado
“A atuação da BNCC por licenciados em geografia”
sob orientação do (a) Professor (a) Alice Ferreira Rodrigues Dias
da Universidade Federal do Oeste do Pará. A banca avaliadora foi composta pelo (a) orientador (a)
citado (a) e pelo (a) (s) Professor (a) (es) Maria Betanha Cardoso Barbosa
e Mizant Couto de Andrade Santana. Após a análise do texto
e defesa do TCC, os (as) avaliadores (as) deram o parecer na Ficha de Avaliação em anexo e deferiram
pela ☒ aprovação / () reprovação do TCC, resultando na nota 8,7, para o (a) autor (a).
Proclamados os resultados pelo Coordenador da banca, foram encerrados os trabalhos e para constar,
eu Alice Ferreira Rodrigues Dias lavrei a presente ata, que será
assinada pelos autores do trabalho e pelos membros da banca examinadora.

Autor (a): Róbia Buzia de Lima Oliveira Matrícula: 201800057

Assinatura: Róbia Buzia de L. Oliveira

Orientador (a): Alice Ferreira Rodrigues Dias

Assinatura: Alice

Avaliador (a): Mizant Couto de Andrade Santana

Assinatura: (à distância) P/ Alice

Avaliador (a): Maria Betanha Cardoso Barbosa

Assinatura: Maria